

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE

VOLUME XXXVIII

ANO 1981



CURITIBA PARANÁ BRASIL
1981

LIBÂNIO IGUAJURÚ
Nobre figura indígena na história
do Paraná

F. EMÍLIO DA CAVASO
(Tradução do original italiano
por Edilberto Trevisan, revis-
ta pelo autor)

Em 1974, o professor Júlio Moreira, historiógrafo de Curitiba, nos disse que, há algum tempo, lançara o Governo paranaense a idéia de evocar as figuras daqueles índios do passado que, como os conhecidos Virí e Condá, haviam se esforçado em colaborar com os brancos para o bem e a pacificação da região.

Porque então não dedicar a seus nomes alguma rua ou honrar-lhes a memória ?

No decurso de nossos estudos sobre a atividade dos Capuchinhos no Paraná, defrontamo-nos com a figura de um valente cacique, desconhecido ou quase, que, por certo, merece ser lembrado e honrado mais que qualquer outro. Entre os brancos era conhecido pelo nome de *Libânio*, enquanto que os indígenas de sua tribo chamavam-no de *Iguajurú* ⁽¹⁾.

O conhecidíssimo explorador José Francisco Lopes (Guia Lopes) narra haver se encontrado com ele em 1848, ficando muito impressionado com seus dotes físicos e morais, estatura atlética, robustez corpórea, fisionomia simpática, conversação séria, franquesa e magnanimidade de sentimentos ⁽²⁾.

A conduta de Libânio nos faz pensar que tivesse tratado muito frequentemente com os brancos do Paraguai, de Mato Grosso e do Paraná, para com eles comerciar os produtos e as manufaturas da tribo. Seu nome europeu Libânio nos autoriza a crer houvesse recebido o batismo, muito antes de 1848, em uma catequese de Mato Grosso, evangelizado à época pelos Capuchinhos ⁽³⁾.

Corria sangue mesclado nas veias de Libânio Iguajurú. Seu pai era Papahy, chefe supremo (tubixá-guassú) dos Caioá, tribo irmã dos Guaranis. Sua mãe chamava-se *Jacitin* (lua branca). Quando criança fora raptada de uma família branca do Paraguai pelos índios, e, tornando-se adulta, dada como esposa a Papahy. Deles nasceu Libânio, o seu primogênito. Os dois esposos viviam na mais sincera harmonia, quando trágico acontecimento veio romper para sempre sua união.

Papahy, com seus subordinados, vivia na região do rio Ivinheima, afluente direito do Paraná. Atravessando este rio, avançou até a fralda da Serra dos Dourados, onde, descobrindo uma vasta área de terras férteis, ali cultivou uma bela plantação de milho. Quando a plantação estava quase sazoadada, um bando de Coroados devastou-a e, fato ainda mais grave, raptou de Papahy a mulher Lua-Branca. No violento combate que daí resultou entre espoliados e raptadores, os dois infelizes cônjuges foram barbaramente trucidados.

O seu filho Libânio, que era então um menino, combatendo até ele com valor contra os assaltantes, saiu ferido com muitos outros da tribo, mas sobreviveu ⁽⁴⁾.

Tendo em vista que, segundo o costume tribal, o comando passava do pai ao seu primogênito ou ao mais merecedor dos filhos, Iguajurú foi proclamado cacique supremo dos Caioá, em lugar do pai morto.

Seu compromisso era muitíssimo mais duro, porque à época, sua tribo, que tinha seu *habitat* principal ao longo das bacias do Ivinheima e do Iguatemi, era frequentemente atacada por inimigos ferozes. Eram principalmente duas as tribos belicosas das quais tinha que defender os seus: de um lado, os Guaikurú ⁽⁵⁾ de Mato Grosso e do Paraguai, e de outro, os Kaingáng que já haviam massacrado seus pais.

Quando o citado Guia Lopes encontrou Libânio em 1848, impressiona-se com a narrativa das violências perpetradas pelos Guaikurú, que se arremessavam como onças sobre os acampamentos dos pacíficos Caioá, matando homens e aprezando mulheres e crianças. Por isso, Lopes redige uma comunicação ao Barão de Antonina, João da Silva Machado, com o sentido de defender a sorte dos infelizes e propugnar sua causa junto à Côrte Imperial ⁽⁶⁾.

Surgiu uma esperança para Libânio quando, em 1851, soube que o citado Barão de Antonina tencionava aldear um grande número de índios junto à colônia militar do Jataí. Para certificar-se, mandou seu filho Iguaju à Fazenda de Perituba, sobre a margem direita do Itararé, onde então morava aquele grandioso Senhor. Quando o jovem Iguajú, após haver sido bem acolhido pelo Barão, retornou ao pai com a confirmação da notícia, Libânio reuniu os chefes de alguns clãs dispostos a aldear-se no Jatai e preparou-se para a longa imigração.

Não nos deteremos em narrar a viagem cheia de perigos, peripécias e decepções. Por ordem do Barão, o guia norte-americano John Elliott saiu para encontrar a caravana com um comboio de canoas e remadores. Sulcando o Paranapanema e o Tibagi, conduziu os imigrantes à colônia, onde chegou em 21 de novembro de 1852. Somavam os recém-chegados um total de 300 ⁽⁷⁾.

Desde essa data, não obstante os descontentamentos, as deserções e a morte de diversos de seus companheiros de tribo, Libânio permanece fiel ao seu lema sobre a necessidade da convivência pacífica e da colaboração com os brancos. Estava bem convencido de que reavivar hostilidades com eles equivalia à destruição dos autóctones.

Quando os missionários capuchinhos Frei Timóteo Luciani da Castelnuovo e Frei Mattia Grossi da Genova chegaram a Jatai em dezembro de 1854, Libânio torna-se para eles o mais precioso

so auxiliar. Uma vez fundado por Frei Timóteo o aldeamento de S. Pedro de Alcântara, à esquerda do Tibagi, em 1855, Libânio foi o primeiro a ali morar com os membros de seu clã. Muito embora, antes da chegada dos Capuchinhos a Jataí, dos 300 Caioá chegados à colônia em 1852, 222 tivessem regressado à sua região nativa, tentou Libânio reaproximá-los para persuadí-los a ingressarem no novo aldeamento governado por Frei Timóteo.

Assim, por exemplo, lê-se no "Cronológico" de Frei Timóteo: "Aos 4 de maio de 1856 chegaram do Paraná 4 casais de índios com 4 índios adultos, 6 mulheres grandes, entre as quais uma velha, a mãe do Libânio, e 12 menores. Total: 24" (8).

A seguir, outros Caioá, como se infere do mesmo "Cronológico", foram levados a ingressar no aldeamento, de tal forma a superar em pouco tempo, pelo menos de uma centena, o número inicial dos 300 chegados em Jataí em 1852. Este aumento devia atribuir-se, de modo particular, ao trabalho de persuasão de Libânio.

Em 1857, o sertanista Joaquim Francisco Lopes, irmão do citado Guia Lopes e colaborador de Frei Timóteo, foi encarregado pelo Governo de organizar uma expedição exploradora pelas regiões dos rios Iguatemi, Samambaia e Dourado. Para tal fim, Frei Timóteo, além de quatro africanos, designou ainda ao sertanista sete Caioá, sob a responsabilidade do citado cacique Libânio (9).

A expedição, partindo do porto de Tibagi em 3 de agosto de 1857, prolongou-se por quase três meses e meio e regressou a S. Pedro de Alcântara em 14 de novembro do mesmo ano (10). Podemos perfeitamente deduzir que Libânio, como profundo conhecedor daquelas regiões, então ainda misteriosas para os brancos, tenha participado outras vezes de semelhantes missões exploradoras.

Pelos meados do século passado, muito se falava da vasta região que, na língua kaingáng, recebia o nome de Paikerê (11). Segundo a descrição dos indígenas, consistia de uma sucessão de fabulosos campos, onde a natureza espontaneamente produzia as safras mais abundantes e os homens viviam felizes, tais como os habitantes dos "Campos-Elísios" da mitologia greco-romana. Ainda que ninguém soubesse com precisão onde estaria situado o Paikerê, também os brancos, quase alucinados por aquelas narrativas fabulosas, procuravam-no com sofreguidão, pensando talvez ali encontrar tesouros tão grandes. O próprio Frei Timóteo resolveu-se a aventurar-se em sua procura. Certamente não era tão ingênuo a ponto de crer na fábula, mas pensava que sua excursão obtivesse como resultado o encontro de almas a serem salvas. Toma Libânio como companheiro de viagem e dele seguiu as indicações. Segundo o cacique, situava-se o Paikerê numa zona

dos Campos Gerais ⁽¹²⁾. Basta apenas este fato para confirmar que Libânio estava sempre pronto a guiar o missionário em suas excursões apostólicas.

O Governo presidencial do Paraná soube apreciar os numerosos serviços de Libânio em favor da Província. O Presidente José Francisco Cardoso, mesmo excessivamente formalista e relutante em distribuir títulos e generosidades, em 1860 julgou justo premiar ao fiel Libânio. Assim escrevia ele em seu Relatório: "Ultimamente se me apresentou o cacique Libânio, talvez o *mais antigo e fiel* do aldeamento de S. Pedro de Alcântara, ao qual mandei dar brindes que o estimulem a bem proceder, como tem feito" ⁽¹³⁾.

Mais tarde, o mesmo Presidente o premiou de maneira mais generosa, ordenando-lhe fosse atribuída uma pensão mensal de 20\$000 réis: quantia então muito significativa para um índio ⁽¹⁴⁾.

Estes reconhecimentos oficiais da presidência são prova assaz convincentes dos méritos do chefe indígena.

Em 1866, grassou na região do Tibagi epidemia de sarampo ou sarampelo tropical, sempre mortífero para os ameríndios, quase tanto como a varíola. O contágio rapidamente se espalhou, mesmo entre os aldeados de S. Pedro de Alcântara, especialmente entre os Caioá. Até Libânio por ela foi atingido, provavelmente por assistir os doentes, ao lado de Frei Timóteo.

O Presidente Polidoro Cezar Burlamaque, referindo-se à doença e às vítimas, escreve: "Succumbiram muitos índios no anno findo (1866) . . . inclusive alguns caciques, entre os quais figura o de nome Libânio, *índio obediente e prestimoso*" ⁽¹⁵⁾.

Com certeza, o mais sério golpe por essa morte recebeu-o Frei Timóteo, que perdia o mais inteligente, serviçal e fiel auxiliar entre os indígenas. Sem dúvida, por ela muito sentiu, mesmo o Capitão Antonio Vicente Rodrigues Borba, que à época comandava a Colônia Militar de Jataí e que, de acordo com Frei Timóteo, servia-se para viagens e transportes fluviais do mais hábil pirogueiro indígena, como o era Libânio.

O cacique, súdito brasileiro, nascido em Mato Grosso, vivera parte de sua juventude no Paraná. Aldeado em S. Pedro de Alcântara, ali permaneceu até sua morte, ou seja, de 1852 a 1866. Pelos nossos cálculos, a morte atingiu-o entre os 55 e os 60 anos de idade.

Aqui nos permitimos uma observação. Os célebres chefes Viri e Condá, como ainda os outros dois, Bandeira e Gregório, todos da tribo dos Kaingáng de Guarapuava, se bem hajam auxiliado os brancos na conquista do Sertão, mostraram-se, porém, muito

interesseiros, pretendendo serem generosamente gratificados pelo Governo pelos seus serviços.

Ao contrário, o supramencionado Libânio não avançou pretensões arrogantes pelas suas colaborações, nem ao pobre Frei Timóteo, nem aos diretores da Colônia Militar de Jataí. Aceitava o pouco que lhe podiam dar. O Governo presidencial foi que, provavelmente após sugestão do missionário capuchinho, se decidiu a reconhecer e a remunerar seus méritos.

Porque manifestou Libânio tão grande predisposição e amizade para com os brancos? Apesar de chefe indígena, não podia esquecer que sua mãe era branca e que então reunia dentro de si o resultado de duas raças obrigadas a conviver no mesmo território.

Tivemos como justo retirar do silêncio e do olvido uma figura interessante da história paranaense, celebrando a memória de um homem valoroso, inteligente, pacificador, fiel colaborador do missionário, dos colonos e dos construtores do Paraná: Libânio Igua-jurú.

CITAÇÕES E ANOTAÇÕES

- 1) — *Iguajurú* é vocábulo tupi-guarani, contração de *I* — água; *guassú* — grande; *jurú* — boca.
Iguassú — água grande, rio. *Iguajurú* — boca do rio ou do grande rio: A nosso ver, não é correta outra interpretação: *rio da boca grande*, porque a língua tupi-guarani, como outras dos indígenas sul americanos, nas palavras compostas, assemelha-se ao genitivo anglosaxão. (Exemplo, *Tupan* — Deus; *roca* — casa; *tupanaroca* — casa de Deus, igreja, e não Deus da casa). A Libânio foi dado o nome de *Iguajurú*, provavelmente porque nasceu próximo à foz de um rio, que podia ser diferente daquele que hoje se chama Iguaçu. A propósito notemos que às crianças indígenas era dado o nome de um rio, de um monte, de uma árvore, de um animal... ou de um fenômeno da natureza. O filho de Libânio, como veremos em breve, chamava-se *Iguajú*, abreviação de *Iguajurú*.
- 2) — Conforme Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, Livraria Mundial — Ano II — 1918, vol. II — A páginas 67 e seguintes vem o "Itinerário de José Francisco Lopes", elaborado em 1848 — v. pág. 79.
- 3) — As catequeses em Mato Grosso foram iniciadas e organizadas pelos Capuchinhos em 1819, por obra do infatigável apóstolo Frei Luigi da Macerata, depois bispo de

Cuiabá, e por outros dois confrades — Conforme Frei Jacinto de Palazzolo, O.F.M. Cap. — Crônica dos Capuchinhos do Rio de Janeiro — Guanabara — 1965 — Editora Vozes, Limitada, Petrópolis — RJ — 1966 — pág. 246 e seguintes — Conforme Frei Modesto Rezende de Taubaté e Frei Fidelis Motta de Primério O.F.M. Cap. — “Os Missionários Capuchinhos no Brasil”. S. Paulo, 1930 — Tip. do Seminário “LA Squilla” — ver pág. 169 e seguintes — Diversos outros autores falam da Missão dos Capuchinhos em Mato Grosso.

- 4) — Telêmaco Borba — Actualidade Indígena. Curitiba — Tip. e Lit. a vapor Impressora Paranaense — Rua Riachuelo N. 11 e 13-1908. As informações são colhidas de uma publicação de 1882 — (Ib. nota ao pé da página 5). A informação sobre Libânio e seus pais foi dada a Telêmaco Borba em 1876 pelo filho de Libânio, Pedro Cadete, diretamente no próprio local da Serra dos Dourados, onde ocorrera o massacre. (Ib. pág. 160 e seguintes) À data da narração, Libânio estava morto há dez anos.
- 5) — Variantes: Guaicurú, Waikurú, etc. — Estes índios se ramificavam em diversos semitribos: mbaya-guaikurú, guatchi, paiguá, toba, mokoví, abipon, kerandí, etc. Hoje estão quase todas extintas. Quanto nos consta, até agora não conseguiram os glotólogos catalogar sob um tronco comum a família linguística dos Guaikurú. É muito diversa tanto do Tupi-Guarani como do tronco macro-je.
- 6) — Citações como na nota 2.
- 7) — Conforme Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil — Tomo VI da terceira série. Rio de Janeiro — Typographia Universal Laenmert — Rua dos Inválidos, 61 B, págs. 435-447.
“A Emigração dos Cayuaz — Narração coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliott pelo socio effectivo Sr. Brigadeiro J. Machado de Oliveira. Fazemos apenas uma alusão da longa narrativa.
- 8) — “Cronológico” de Frei Timóteo da Castelnovo: “Princípio e Progresso do Aldeamento Indígena de S. Pedro de Alcântara — ver página 8: 4.5.1856. Já sabemos que a verdadeira mãe de Libânio era Jacitin (Lua-Branca) morta pelos Kaigáng. Recordemos, porém, que entre muitas populações primitivas, o nome de mãe, muitas vezes, se estende às tias ou, em geral, a uma mulher parente, que desempenhe as funções de mãe para um órfão. A velha indígena, chegada com a caravana dos Caiuá, não podia ser senão a

- mãe de criação de Libânio, que dele cuidou após a morte de Jacitin.
- 9) — *Ibidem*, pág. 9: 3.8.1857 — Neste ponto Frei Timóteo escreve *Libanha*, em vez de Libânio. Assim familiarmente devia ser chamado entre outros aldeados da catequese.
 - 10) — *Ibidem* pág. 9: 14.11.1857.
 - 11) — Paikerê (Paiquerê). A palavra pertence à língua kaingáng. (Pahy = chefe; erê = campo. Literalmente: Campo do chefe). Em 1842 foi organizada uma companhia em Guarapuava destinada à descoberta e conquista das misteriosas pradarias, sob os auspícios do Barão de Antonina, João da Silva Machado.
 - 12) — Conforme Dezenove de Dezembro — 31.8.1859, pág. 3. Pelo aqui referido, deduz-se que o legendário Paikerê, em 1859, ainda não fora localizado nos Campos de Guarapuava e de Palmas.
 - 13) — Relatório apresentado à Assembléia Legislativa da Província do Paraná na abertura da sessão da 4ª legislatura pelo Presidente José Francisco Cardoso, no dia 1º de março de 1860 — Curitiba — Typ. de Cândido Martins Lopez — Rua das Flores N. 55 — 1860. Ver pág. 57.
 - 14) — Dezenove de Dezembro, 17.10.1860, pág. 1, col. II.
 - 15) — Relatório apresentado... pelo Presidente Dr. Polydoro Cezar Burlamaque... Dia 15 de março de 1867 — Curitiba 1867 — Ver pág. 66.